

VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
VII SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS
VI CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL

Fundamentos do Serviço Social: Formação Profissional do/a Assistente Social

A crítica do filósofo francês pós-moderno Jean-François Lyotard aos metarrelatos: a que (quem) interessa?

Lorena Ferreira Portes¹
Paula Fernandes D' Espírito²
Fábio Mendonça Gonçalves³
Guilherme Bernardi⁴
Ariovaldo Santos⁵

Resumo: As discussões expostas no trabalho advêm de pesquisa bibliográfica realizada por um projeto de pesquisa em andamento. O trabalho versa sobre a crítica pós-moderna às metanarrativas, advogando em prol do nascimento da sociedade pós-industrial e, por consequência, da emergência de novo vínculo social por meio dos jogos de linguagem. Objetiva recuperar os aspectos centrais da obra de Jean-François Lyotard (1979), enfatizando, sobretudo, seu rechaço às metanarrativas e apresentando a contra-crítica de pensadores do campo marxista que denunciam o teor anti-totalidade e antimarxista presente na obra do filósofo francês que, ao final, sucumbe ao capital.

Palavras-chave: Lyotard; pós-modernidade; metarrelatos; jogos de linguagem; capitalismo.

Abstract:

The discussions presented in this paper stem from a bibliographical research carried out within an ongoing research project. The study addresses the postmodern critique of metanarratives, advocating the emergence of post-industrial society and, consequently, the rise of a new social bond through language games. It aims to recover the central aspects of Jean-François Lyotard's work (1979), emphasizing, above all, his rejection of metanarratives, while also presenting the counter-critique advanced by thinkers within the Marxist tradition, who denounce the anti-totality and anti-Marxist tenor present in the work of the French philosopher, which ultimately capitulates to capital.

Keywords: Lyotard; postmodernity; metanarratives; language games; capitalism.

¹ Professora Associada do Departamento de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina (UEL - PR), Doutora em Serviço Social e Política Social (UEL-PR), lorenafportes@gmail.com.

² Mestranda em Administração (UEL-PR); Graduanda em Ciências Sociais (UEL-PR), paula.fernandes@uel.br.

³ Graduando em Serviço Social (UEL-PR), fabio.goncalves@uel.br

⁴ Doutorando em Serviço Social e Política Social (PPGSE-UEL), mestre em Comunicação (UEL) e graduado em Comunicação Social - Habilitação Jornalismo, guilherme.bernardi@uel.br

⁵ Professor Associado do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina (UEL - PR), Doutor em Sociologie et Sciences Sociales (Université Paris I - Panthéon Sorbonne); Dr. em Serviço Social (UEL - PR), ariovald@uel.br



INTRODUÇÃO

As sínteses apresentadas no presente trabalho são o resultado dos estudos, debates e análises construídos por pesquisadores/as integrados/as a um grupo de pesquisa cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) que tem como linha de pesquisa os Fundamentos do Serviço Social. Na apreensão das diferentes matrizes do pensamento social que serviram e ainda servem de insumos para interpretar a realidade e a própria profissão, destacamos a influência do que estamos denominando como pensamento pós-moderno. Analistas da área de Serviço Social, como Netto e Silva, vêm, a partir da década de 1990, apontando as preocupações com tal influência, sobretudo, no que diz respeito à direção social estratégica construída pela categoria profissional calcada na teoria social crítica de Marx, alertando para os riscos de seu esvaziamento teórico-político e de inflexões incompatíveis com o projeto profissional crítico.

Assim, nasce um projeto de pesquisa com a pretensão de analisar os fundamentos do pensamento pós-moderno e suas implicações para o Serviço Social. Tal análise, alicerçada nas contribuições marxianas, é realizada através de uma pesquisa bibliográfica. A partir do estudo de textos e autoras/es de referência na área sobre o debate em questão, bem como de produções oriundas da filosofia, das ciências sociais e de áreas afins, identificamos a recorrência à obra de Lyotard como expoente no debate sobre a pós-modernidade, autor a quem se deve, em grande medida, a difusão do próprio termo. O filósofo sustenta que, desde a década de 1950, estaríamos inseridos em uma sociedade pós-industrial, contexto que teria proporcionado mudanças substantivas nos estatutos da ciência e da universidade e no qual se desenvolve sua crítica ao que denomina “metarrelatos”. Tendo como problemática a questão do conhecimento, o filósofo francês, expõe críticas aos metarrelatos, definindo o pós-moderno enquanto condição da cultura que caracteriza-se pela incredulidade perante o metadiscurso filosófico-metafísico, com suas pretensões atemporais e universalizantes. Para o autor, o cenário pós-moderno é essencialmente cibernético-informático e informacional.

A partir desses elementos desencadeadores, o autor desenvolverá suas teses explicativas e a obra servirá de referência para o debate do tema em questão. Sendo assim, objetivamos no trabalho que apresentamos recuperar os aspectos centrais da obra de Jean-François Lyotard, enfatizando, sobretudo, as críticas construídas às metanarrativas e apresentar, mesmo que rapidamente, respostas à crítica elaborada pelo filósofo.

Para organizar a exposição, o texto está dividido em dois momentos. No primeiro momento consideramos necessário situar as premissas da pós-modernidade para que possamos apreender, posteriormente, a importância da obra de Lyotard no construto do pensamento pós-moderno e como suas elaborações alimentaram o debate. Dois autores servem de referência para a exposição inicial: David Harvey com seu livro *“A Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural”*, publicado em 1992 e Alex Callinicos com o livro *“Contra o Pós-modernismo: uma crítica”*, de 1995.



No segundo momento exporemos os traços característicos da obra de Lyotard, abordando o contexto de emergência e os argumentos construídos pelo autor na refutação dos metarrelatos e na defesa dos jogos de linguagem como vínculo social. Ao elucidar as teses argumentativas de Lyotard, apresentamos a contra-crítica a partir das contribuições de Harvey (1992), Callinicos (1995), Anderson (1999), Evangelista (2006; 2007), Netto (2010), Bolaño (2000) e Lopes (2008).

2. SITUANDO O DISCURSO DA PÓS-MODERNIDADE

A noção de pós-modernidade emerge, no debate contemporâneo, como tentativa de interpretar um conjunto de transformações culturais, sociais e econômicas que se intensificam a partir das últimas décadas do século XX. Harvey (1992), na sua obra *Condição Pós-Moderna*: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural, relaciona a condição pós-moderna ao processo de intensa compreensão do tempo-espaço identificado nas últimas décadas do século XX, com a transição do fordismo ao modelo de acumulação flexível. Afirma que a transição para a acumulação flexível foi feita em partes por meio da rápida implantação de novas formas organizacionais e de novas tecnologias produtivas.

Segundo Harvey (1992), o longo período de expansão do pós-guerra, que se estendeu de 1945 a 1973, teve como base um conjunto de práticas de controle do trabalho, tecnologias, hábitos de consumo e configurações de poder político-econômico. A partir de 1973, com o colapso desse sistema, iniciou-se um período de rápida mudança, de fluidez e de incerteza. Enfatiza o autor que as mudanças provocadas pelo regime da acumulação flexível, contendo as contradições do capitalismo, constituiu-se como um momento transacional de dolorosa crise na configuração do capitalismo no final do século XX. Essas transformações no campo econômico incidiram sobre o campo sócio-cultural. Destaca que uma das condições principais da pós-modernidade é considerá-la como condição histórico-geográfica.

Na esteira desse debate, Harvey (1992) alerta que o pensamento pós-moderno advoga que não podemos conceber o indivíduo alienado no sentido marxista clássico, porque ser alienado pressupõe um sentido de eu coerente, e não-fragmentado, do qual se aliena. Assim, somente no sentido de centralidade de identidade pessoal, podem os indivíduos se dedicar a projetos que se estendem no tempo ou pensar de modo coeso sobre a produção do futuro significativamente melhor do que o tempo presente e passado. Rejeitando a ideia de progresso, o pós-modernismo abandona todo o sentido de continuidade e memória histórica, enquanto desenvolve uma capacidade imensa de pilhar a história e absorver tudo o que nela classifica como aspecto do presente. Harvey aponta que, nessa perspectiva, se dá a rejeição de metanarrativas, com o colapso dos horizontes temporais e a preocupação com a instantaneidade. Nesse sentido, reforça Harvey que o pós-modernismo quer que aceitemos as reificações e partições, celebrando a atividade de mascaramento e de simulação, todos os fetichismos de localidade, de lugar ou de grupo social, negando um tipo de metateoria capaz de



apreender os processos político-econômicos, que são universalizantes em sua profundidade. Como disse Harvey, “a retórica do pós-modernismo é perigosa, já que evita o enfrentamento das realidades da economia política e das circunstâncias do poder global” (Harvey, 1992, p. 112).

Para Alex Callinicos, a pós-modernidade não pode ser compreendida como a expressão de uma nova época histórica plenamente constituída, tampouco como um paradigma teórico coeso. Ao contrário, sua formulação está profundamente vinculada a condições históricas específicas, marcadas pela reestruturação do capitalismo, pela crise dos projetos emancipatórios e pelo esgotamento das expectativas revolucionárias que haviam orientado grande parte do pensamento crítico do pós-guerra.

Segundo Callinicos, em sua obra *Contra o Pós modernismo: uma crítica* (1995), o discurso da pós-modernidade⁶ se consolida sobretudo entre os anos 1970 e 1980, em um contexto de avanço do capitalismo tardio, financeirização da economia e redefinição das formas de trabalho e consumo. Nesse cenário, o pós-modernismo surge menos como uma ruptura radical com a modernidade e mais como uma resposta cultural ao desencanto político de amplos setores intelectuais, particularmente aqueles vinculados à chamada nova classe média. Trata-se de um deslocamento que acompanha a transição de um horizonte de transformação social para uma valorização da fragmentação, da pluralidade e do consumo simbólico.

Um elemento central dessa construção, conforme destaca Callinicos, é o percurso da geração de 1968. Inicialmente engajada em projetos de crítica radical ao capitalismo e ao Estado, essa geração viveu, nas décadas seguintes, a derrota de suas expectativas políticas. O pós-modernismo passa, então, a funcionar como uma forma de reelaboração desse fracasso histórico, oferecendo uma linguagem que substitui a crítica estrutural por uma celebração da diferença, da instabilidade e da recusa às grandes narrativas explicativas.

De acordo com o autor, a pós-modernidade aparece menos como a descrição objetiva de uma nova época histórica e mais como um fenômeno ideológico e cultural que expressa determinadas formas de percepção e interpretação da realidade social. Trata-se de um discurso que naturaliza a fragmentação, relativiza a possibilidade de totalidade e desloca a crítica social de projetos coletivos de transformação para experiências particulares, estéticas e identitárias. Ao enfatizar a perda de fundamentos universais e a impossibilidade de explicações abrangentes, a pós-modernidade opera como uma resposta intelectual ao enfraquecimento das perspectivas emancipatórias, convertendo derrotas históricas em supostas mudanças de época. Nesse sentido, o fenômeno pós-moderno não rompe com as estruturas do capitalismo, mas contribui para sua legitimação simbólica, ao apresentar como condição cultural inevitável aquilo que é resultado de processos históricos e sociais específicos.

⁶ O conceito de pós-modernidade designa um conjunto de formulações culturais, teóricas e ideológicas caracterizadas pela rejeição das grandes narrativas explicativas da modernidade, pela recusa da ideia de progresso histórico e pela negação de fundamentos universais da razão. Tais formulações não indicam uma ruptura histórica efetiva com a modernidade ou com o capitalismo, mas correspondem à continuidade e intensificação de traços já presentes no modernismo, reinterpretados sob as condições do capitalismo tardio.



Em diálogo crítico com a perspectiva pós-moderna, autores vinculados ao campo marxista, como Callinicos e Harvey, problematizam os pressupostos que sustentam a recusa das totalidades e dos projetos universais. Harvey destaca que um dos traços centrais do pós-modernismo é a aceitação do efêmero, do fragmentário e do descontínuo, acompanhada da negação da possibilidade de uma representação unificada da realidade social. Tal postura, segundo o autor, conduz à rejeição de projetos globais de transformação, sob o argumento de que a coerência teórica e prática seria repressiva ou ilusória, o que, em última instância, resulta na naturalização da ordem social vigente.

A análise de Callinicos problematiza a ideia amplamente difundida de que o pós-modernismo representaria uma ruptura decisiva com o modernismo. Para ele, muitas das características atribuídas ao pós-moderno, como a fragmentação, a ambiguidade e a rejeição da totalidade, já estavam presentes nas experiências modernistas. O que se observa, portanto, não é uma superação da modernidade, mas a continuidade de suas tensões sob novas condições históricas e econômicas.

Compreender a pós-modernidade como um sintoma das contradições do capitalismo contemporâneo, ao mesmo tempo em que expressa mudanças reais nas formas culturais e sociais, conduz os teóricos da pós-modernidade a limitarem-se à interpretação de tais transformações, sem oferecer um horizonte consistente de superação. Observa, no entanto, que a crítica ao conceito de pós-modernidade não implica negar as mudanças do mundo social, mas recolocá-las em uma perspectiva histórica mais ampla, capaz de articular cultura, economia e política de forma crítica e totalizante.

Essa perspectiva reconhece que a interpretação da pós-modernidade como uma forma de “desencantamento do mundo” exige, contudo, ser problematizada. Embora esse fenômeno seja frequentemente associado ao sentimento de frustração e à perda de horizonte político da geração de 1968⁷, marcada pelo fracasso das expectativas revolucionárias e pela consolidação do capitalismo ocidental sob a hegemonia da Nova Direita neoliberal que avançaria nas décadas de 1970 e 1980, tal leitura não pode ser tomada como um simples diagnóstico cultural neutro. Em vez de expressar apenas uma mudança de sensibilidade histórica, o desencantamento pós-moderno opera como uma racionalização ideológica das derrotas políticas, convertendo experiências históricas específicas em supostas condições universais da existência social. Ao abandonar as “grandes narrativas” de transformação, progresso e emancipação, a pós-modernidade não apenas reage ao esgotamento desses projetos, mas

⁷ O chamado “período de 1968” refere-se ao conjunto de mobilizações políticas, sociais e culturais que marcaram o final da década de 1960, tendo como marco simbólico as revoltas estudantis e operárias ocorridas em diversos países, especialmente na França, mas também nos Estados Unidos, na América Latina e em outras partes da Europa. Esse período foi caracterizado pela contestação às formas tradicionais de autoridade política, às instituições do Estado, às hierarquias sociais e aos valores culturais da sociedade capitalista, bem como pela crítica à burocratização dos partidos e sindicatos vinculados à esquerda tradicional. Apesar de sua força mobilizadora e de seu impacto cultural duradouro, o ciclo de 1968 terminou, em grande medida, sem produzir as transformações estruturais almejadas, dando lugar, nas décadas seguintes, a um cenário de refluxo das lutas coletivas, reconfiguração do capitalismo e desencanto político que influenciou profundamente o pensamento social e cultural contemporâneo.



contribui para legitimar sua renúncia, deslocando a crítica social para uma postura cética, fragmentada e frequentemente estetizada.

Nesse sentido, a valorização do individualismo, do consumismo e da pluralidade sem totalidade não representa uma superação das contradições da modernidade, mas a sua rearticulação sob as condições do capitalismo tardio, que apresenta a fragmentação e a ausência de sentido histórico como dados inevitáveis, e não como resultados de processos sociais e políticos passíveis de contestação.

Os elementos por ele apresentados permitem compreender que a pós-modernidade opera um deslocamento decisivo na compreensão da estrutura social ao promover o esvaziamento da categoria de classe como eixo central de análise das contradições do capitalismo. Esse deslocamento não resulta do desaparecimento efetivo das relações de classe, mas de sua ofuscação por meio de discursos que privilegiam a fragmentação social, o individualismo e a multiplicidade de estilos de vida. A centralidade anteriormente atribuída à consciência coletiva de classe e à ação política organizada é substituída por formas de identificação pautadas no consumo, na estética e em pertencimentos culturais específicos, frequentemente associadas à experiência social da nova classe média⁸.

Por esse caminho, a desigualdade e a exploração do trabalho deixam de ser compreendidas como expressões de uma estrutura econômica sistêmica e passam a ser interpretadas como efeitos contingentes, difusos ou meramente culturais. Assim, Callinicos, destaca, ainda que a, que tal reconfiguração discursiva está diretamente ligada ao desencanto político que se seguiu ao ciclo de mobilizações de 1968, quando o fracasso das expectativas revolucionárias favoreceu a adaptação de amplos setores intelectuais e sociais à ordem capitalista existente. Com isso, a aceitação da ideia de uma era pós-moderna contribui para naturalizar as formas contemporâneas de dominação, ao mesmo tempo em que desloca o foco da crítica social das relações de produção e da exploração econômica para uma pluralidade de diferenças desarticuladas.

Pode-se pensar, por exemplo, na experiência cotidiana de um trabalhador inserido no setor de serviços, cuja identidade social é construída prioritariamente a partir de escolhas de consumo, estilos de vida e trajetórias individuais, e não de sua posição nas relações de produção. Ainda que dependa da venda da força de trabalho e esteja submetido à instabilidade e à intensificação do ritmo laboral, essas condições tendem a ser interpretadas como desafios pessoais ou etapas de autodesenvolvimento, e não como expressões de uma estrutura social marcada pela exploração. Nessa situação, a precarização do trabalho coexiste com a

⁸ Ao discutir a base social do pós-modernismo, Alex Callinicos recorre à noção de “nova classe média” para designar um estrato composto por profissionais assalariados qualificados, intelectuais, técnicos e trabalhadores da produção cultural e simbólica, cuja posição social não se define pela propriedade dos meios de produção, mas pelo capital educacional e cultural. Segundo o autor, é nesse grupo que o discurso pós-moderno encontra maior ressonância, na medida em que expressa uma adaptação às condições do capitalismo tardio e um distanciamento em relação à política de classe. Como afirma Callinicos: “O pós-modernismo é, em grande medida, a ideologia de uma nova classe média formada por profissionais, administradores e intelectuais, cuja experiência social favorece uma visão fragmentada do mundo e o afastamento dos projetos políticos universais.” (Tradução nossa). (CALLINICOS, Contra o posmodernismo, 1995, p. 230 - 233).



valorização da autonomia individual e da flexibilidade, ilustrando como a subjetividade pós-moderna reconfigura a percepção das contradições sociais ao deslocá-las do plano coletivo para o registro do indivíduo da experiência cotidiana.

A preocupação em recuperar a análise da realidade pela totalidade social está presente nas discussões de Callinicos. O autor defende a necessidade de recuperar a análise das classes sociais e da exploração do trabalho como categorias fundamentais para a compreensão do capitalismo contemporâneo, insistindo que, apesar das tentativas de ocultamento promovidas pelo discurso pós-moderno, as contradições de classe permanecem estruturantes da vida social.

A abordagem feita até aqui tem a pretensão de situar, mesmo que brevemente, alguns traços constitutivos da pós-modernidade e apontar aspectos críticos no campo marxista a esse heterogêneo pensamento. No entanto, consideramos importante destrinchar elementos centrais das teses pós-modernas a partir de uma obra considerada fundamental que inaugurou, no campo da filosofia, o debate sobre a pós-modernidade e que serviu de alicerce para posteriores elaborações e críticas, sobretudo no século XX. Estamos nos referindo ao livro do filósofo francês Jean-François Lyotard, *“A condição pós-moderna”*, publicado em 1979.

3. O MARCO HISTÓRICO DA OBRA DE JEAN-FRANÇOIS LYOTARD E A CRÍTICA AOS METARRELATOS

As premissas desenvolvidas pelo pensamento pós-moderno, sobretudo no campo da filosofia, têm na obra de Jean-François Lyotard, *“A condição pós-moderna”*, publicada em 1979, seu marco fundador. A trajetória política e intelectual de Lyotard é marcada por um anticomunismo persistente (Evangelista, 2006). Anderson declara que “militante do grupo de extrema-esquerda *Socialisme ou Barbarie* por uma década (1954-64), durante a qual foi um crítico extremamente lúcido da guerra da Argélia⁹, Lyotard continuou militando na dissidência *Pouvoir Ouvrier* por mais dois anos” (Anderson, 1999, p. 34). Anderson continua a expor que Lyotard acabou rompendo com *Pouvoir Ouvrier* quando passou a defender que o proletariado não era mais um agente revolucionário capaz de desafiar o capitalismo. Lyotard participou da agitação universitária de 1968 e com o refluxo da rebeldia na França, suas ideias mudaram. Estava convencido de que a classe operária estava integrada ao capitalismo e que, portanto, no final dos anos de 1960, a esperança estava na defesa da geração (juventude) e não a classe devia ser o arauto da revolta. Nesse sentido, Anderson também afirma que nas visões de Lyotard há um elemento constante em sua trajetória, onde “O grupo *Socialisme ou Barbarie* era violentamente anticomunista desde o início e, quais

⁹ Há de se considerar nesse período, como aponta Yazbek (2008) as relações políticas de figuras como Jean-Paul Sartre e Frantz Fanon e de organizações da esquerda social-democrata, socialista e comunista entre França e Argélia, tal como a íntima relação entre o Partido Comunista Francês (PCF) e o Partido Comunista Argelino (PCA), que mesmo ante “uma das mais sangrentas guerras do século XX” (Yazbek, 2008, p. 53) posteriormente, como resultado da luta de libertação nacional, mobilizado principalmente pela Frente de Libertação Nacional (FLN), efetivou-se a primeira Constituição argelina em 1963, transformando o país antes colônia anexada em uma República popular, democrática e socialista.



fossem as outras mudanças de tom ou convicção de Lyotard, esse continuou sendo um elemento arraigado de sua visão.” (Anderson, 1999, p. 36).

Como destacou Netto (2010), o novo *espírito do tempo* (*Zeitgeist*) - que emerge no cenário da direitização da cultura francesa a partir de meados dos anos 1970 - encontrará a sua formulação mais conhecida na obra de Lyotard. É a partir do seu livro que

o pensamento pós-moderno assume o primeiro plano na cultura do Ocidente capitalista, irrompe nos domínios do saber, invade as manifestações estéticas, contagia as práticas políticas e, nas duas décadas seguintes, constituirá um campo teórico diferenciado e desencadeará a produção de uma bibliografia enorme, muito mais apologética que crítica (Netto, 2010, p. 256).

Na 12ª edição da obra de Lyotard pela editora José Olympio, o posfácio é apresentado pelo escritor e crítico Silviano Santiago, que traz algumas considerações importantes sobre o contexto de produção do livro “A condição pós-moderna”. Inicia comentando que tem sido pouco salientando, no debate sobre a pós-modernidade, o fato do livro de Lyotard ser um “escrito de circunstância”. Santiago (2009) explica que o livro é resultado de uma encomenda feita para Lyotard pelo Conselho das Universidades junto ao governo de Quebec. A pergunta a ser respondida será: “*Qual o estatuto do saber na sociedade pós-industrial*”? Trata-se, de uma “resposta dada por um europeu a franco-canadenses para enfrentar o impacto da modernização ocidental a partir do modelo nipo-americano” (Santiago, 2009, p. 125). A nova era explicada por Lyotard como sendo pós-moderna, “antes de ser resposta a uma pergunta subjetiva, é parte de um cálculo de lucros-perdas feito por uma economia regional atrasada” (Santiago, 2009, p. 125). Deslocado de seu lugar político original, ou seja, os acontecimentos de maio de 68, atribui-se à Lyotard a tarefa de investigar o processo de atualização das instituições. Assim, a obra dele constitui “um relatório de estudos, cujo resultado visa aprimorar o quadro universitário e os laboratórios de pesquisa canadense”. Lyotard acredita ser justo “aconselhar que o processo de abordagem da modernização pós-industrial seja feito pelo viés técnico-científico” (Santiago, 2009, p. 126).

Lyotard (1979), advogando em prol de tempos pós-modernos, defendeu a tese de que, a partir de 1950, nascera a “sociedade pós-industrial”, trazendo modificações abruptas nos estatutos da ciência e da universidade. Argumentando que os tempos pós-modernos são marcados por avanços científicos e tecnológicos, viveríamos no sentido de informatizar a sociedade. Diz Lyotard (2009, p. 69) que “na sociedade e na cultura contemporânea, sociedade pós-industrial, cultura pós-moderna, a questão da legitimação do saber coloca-se e outros termos”. Reforça Evangelista (2007, p. 104) que embora Lyotard não tem definido a sociedade pós-industrial, a sua noção “constitui sempre a contraparte inexorável da cultura pós-moderna”; sendo assim, “*sociedade pós-industrial e cultura pós-moderna* duas noções indissociáveis” (Evangelista, 2007, p. 104).

Lyotard defende que com o advento da sociedade pós-industrial e da cultura pós-moderna, os grandes relatos que legitimam a ciência moderna perderam credibilidade. Expõe o autor que a posição do saber muda nas sociedades mais desenvolvidas



(pós-moderna). Designa como pós-moderna o “estado da cultura após as transformações que mudaram as regras dos jogos da ciência, da literatura e das artes a partir do final do século XIX” (Lyotard, 2009, p. xv) . Nesse sentido, ocorre a crise dos relatos e a ciência entra em conflito com os relatos, considerados por Lyotard, como fábulas.

O declínio dos relatos especulativos e da emancipação foram efeitos do “desenvolvimento das técnicas e das tecnologias a partir da Segunda Guerra Mundial, que deslocou a ênfase sobre os meios da ação de preferência à ênfase sobre seus fins” (). O desdobramento do capitalismo liberal avançado após seu recuo, sob a proteção do keynesianismo durante os anos 1930-1960, acabou por eliminar a alternativa comunista e valorizou a fruição individual dos bens e dos serviços. É sob esses pilares distorcidos e distantes da realidade concreta que os pós-modernistas construirão suas “narrativas” e sustentarão suas teses argumentativas.

Como aponta Anderson (1999, p. 39), “com A condição pós-moderna Lyotard anunciou o eclipse de todas as narrativas grandiosas”. Anunciou, desse modo, a morte do socialismo clássico. Para Anderson (1999) a recusa genérica das metanarrativas esconde o real adversário dos pensadores pós-modernos: o marxismo e a esquerda socialista. Callinicos (2011) enfatiza o direcionamento político da obra de Lyotard. Para o autor, “Lyotard, quien como miembro del grupo Socialisme ou Barbarie en los años cincuentas estaba comprometido con una visión anti estalinista del marxismo, para cuando escribió La condición postmoderna había llegado a rechazar los objetivos de la revolución socialista” (Callinicos, 2011, p. 10).

A obra de Lyotard, na qual são lançadas as bases do que o autor denomina pós-modernidade, evoca uma compreensão equivocada ao sustentar a incredulidade em relação aos metarrelatos como traço constitutivo da sociedade contemporânea. Afirma que na sociedade pós-industrial a questão da legitimidade do saber coloca-se em outros termos; assim, o grande relato perdeu sua credibilidade, independente do modo de unificação que lhe é conferido (relato especulativo, relato da emancipação). Aqui, por meio de uma crítica à ciência conservadora, o saber é considerado uma importante força de produção em uma sociedade informatizada. Diz Lyotard (2009) que “o saber científico é uma espécie de discurso” e, portanto, “não é todo o saber”, pois sempre esteve ligado a seu conceito, em competição com uma outra espécie de saber. Existem muitos “jogos de linguagem” diferentes. A ciência seria apenas uma narrativa, um jogo de linguagem, um discurso.

Na crítica à tese defendida por Lyotard, David Harvey (1992) elucida que o autor em questão “ataca qualquer noção de que possa haver uma metalinguagem, uma metanarrativa ou uma metateoria mediante as quais todas as coisas possam ser conectadas ou representadas” (Harvey, 1992, p. 49). Harvey afirma que Lyotard recorre ao pioneiro da teoria dos jogos de linguagem - Wittgenstein - para iluminar a condição do conhecimento pós-moderno.

Devido ao fato de, entre outras coisas, como já mencionado, ser um “escrito de circunstância”, compreender a fundamentação teórica que sustenta o texto de Lyotard não é tarefa das mais simples. No entanto, alguns elementos permitem apreender o que está por trás



da opção feita pelo autor de analisar o “vínculo social” por meio dos jogos de linguagem – e, conseqüentemente, criticar os problemas resultantes dessa abordagem. Tomando os escritos de nomes tais quais Alain Touraine e Daniel Bell como referências sobre as mutações sociais em curso, ambos propositores da tese da “sociedade pós-industrial”, Lyotard (2009) adere a um tipo de posição que posteriormente também será compartilhada, não sem diferenças, por autores como Jürgen Habermas e Manuel Castells, a saber, a de que os fundamentos e as contradições inerentes ao modo de produção capitalista teriam sido suplantadas pelo desenvolvimento de novas tecnologias e a centralidade adquirida por ciência, informação, comunicação e cultura em um contexto no qual, na verdade, a ampla reestruturação produtiva promovida pelo capital tem como objetivo assegurar e repor as condições para sua finalidade última: a acumulação (Lopes, 2008).

Além das referências a Touraine e Bell, é revelador e ajuda na compreensão o prefácio escrito por Wilmar do Valle Barbosa em 1985, no qual é explicitado o entendimento de que “o cenário pós-moderno é essencialmente cibernético-informático e informacional” (2009, p. viii) e, sobretudo, que “descobriu-se que a *fonte* de todas as fontes chama-se *informação* e que a ciência – assim como qualquer modalidade de conhecimento – nada mais é do que um *certo* modo de organizar, estocar e distribuir certas informações” (2009, p. ix, destaques do autor).

Seguindo essa linha teórica, Lyotard (2009) assume que as inovações tecnológicas por meio das quais o processo de informatização é levado a cabo representam não só alterações técnicas, mas também resultam em mudanças nos próprios fundamentos da sociedade (uma posição, é bem verdade, marcada por determinismo tecnológico), equipara o saber científico a um tipo de discurso e o coloca como a “principal força de produção” (p. 5) nas últimas décadas. Desse modo, a ciência adquire ainda mais importância na disputa entre Estados-nações e tem seu vínculo com o poder reforçado, o que faz com que, por sua vez, incorra na problemática da legitimação e de sua relação com o governo.

Após os dois capítulos em que, muito brevemente, apresenta os pressupostos e o problema a partir dos quais proporá a alternativa pós-moderna, em vez de analisar – ou até considerar – como as transformações societárias e as mudanças tecnológicas repõem as contradições no interior do modo de produção e dos Estado capitalistas, por exemplo, tanto no sentido do avançar da subsunção do trabalho no capital quanto no da permanência de incontornáveis limites a esse processo (Bolaño, 2002; Lopes, 2008), Lyotard (2009) abandona as determinações objetivas do poder econômico e político (Bolaño, 2000), as quais, de certo modo, ainda que não isento de críticas, havia mencionado, e elege os jogos de linguagem como aspecto privilegiado para analisar os vínculos sociais a partir da perspectiva pós-moderna. Desse modo, ele adere a uma visão idealista ancorada em uma “espécie de liberalismo aplicado à informação” (Bolaño, 2000, p. 40), focando no nível fenomênico da circulação de informações e discursos em uma sociedade com cada vez mais avançadas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), ao mesmo tempo que não trata de questões como a propriedade das redes ou dos suportes materiais por meio dos quais circula a



informação e a comunicação, consequentemente das assimetrias/desigualdades existentes nesse processo.

Diz Lyotard (2009, p. 28, destaques do autor), por exemplo, que, nessa sociedade atomizada, na qual os grandes Relatos se decompueram e as coletividades sociais, como Estados-nações, partidos ou sindicatos, perderam poder de atração, “o *si* mesmo é pouco, mas não está isolado: é tomado numa textura de relações mais complexa e mais móvel do que nunca”. Mais ainda, nessas relações, pelas quais passam “mensagens de natureza diversa”, “ele não está nunca, mesmo o mais desfavorecido, privado de poder sobre estas mensagens que o atravessam posicionando-o, seja na posição de remetente, destinatário ou referente” (*Ibidem*). Desse modo, mesmo que atomizado, os indivíduos são parte de “flexíveis redes de jogos de linguagem” (*Idem*, p. 31), as quais se estabelecem em contraposição à burocratização e à organização coletiva típicas da modernidade.

É por isso que os autores como Evangelista (2007, p. 118) dizem que “chega a ser impressionante a sua [de Lyotard] crença quase pueril nas potencialidades democráticas e igualitárias proporcionadas pela revolução informacional nas sociedades capitalistas contemporâneas”. De um momento para outro, o poder político e econômico não existe mais ou não é mais um elemento na análise, sendo suplantado pelo desenvolvimento tecnológico e pela expansão das redes de comunicação e informação, as quais, nesse tipo de abordagem, compartilhada por inúmeros outros autores até os dias de hoje, teriam um caráter democrático e livre que lhes seria inerente. Seguindo a crítica de Lopes (2008, p. 121) ao “informacionalismo” de Castells, pode-se dizer que esse é um caso típico de inversão ideológica, como se uma mudança no meio (a passagem do paradigma industrial-produtivista para o informacional, se se quiser) representasse um rompimento com o que para o capitalismo é um fim: sua subsunção à lógica da acumulação.

Embora se possa argumentar que no momento em que escreve Lyotard, pouco antes dos anos 1980, o cenário então existente era apenas uma possibilidade dentre as muitas em disputa – a própria internet, por exemplo, naquele momento permanecia com caráter público, sendo sua privatização efetivada somente em 1995 (Lopes, 2008) – e que grandes monopólios como as chamadas *big techs* (Google, Amazon, Meta etc.) ainda estavam longe de se formarem, a fragilidade da posição de Lyotard fica evidenciada pela ausência de uma análise que passe do nível fenomênico e adentre, como faz, por exemplo, Marx em *O Capital* (2017), na esfera da produção, onde a igualdade formal verificada na circulação é negada pela propriedade de meios de produção em contraposição à da força de trabalho. Mais especificamente, o problema da produção da informação e da comunicação e sua subsunção à lógica acumuladora do capitalismo (Bolaño, 2000; Lopes, 2008), da propriedade das redes ou dos suportes materiais por meio dos quais a informação e a comunicação (ou os discursos) circulam não é postulada pelos adeptos da tese de que uma transformação social haveria deixado para trás os fundamentos e as contradições do modo de produção capitalista. Simplesmente, passou a vigorar na superfície uma esfera de liberdade e igualdade, na qual



todos se relacionam e compõem múltiplas e flexíveis redes de jogos de linguagem, com cada indivíduo atomizado possuindo algum poder sobre as mensagens que o atravessa. Uma percepção, baseada em uma “crença pueril”, como bem destacou Evangelista, que, ao contrário de questionar as ainda existentes desigualdades e enfatizar as contradições desse processo, na verdade, fragiliza a posição crítica ao sistema, o que facilita sua cooptação ou incorporação pelo modo de produção capitalista.

Oportuno registrar que nas correspondências de Lyotard entre os anos de 1982 e 1985, o filósofo francês retoma o debate sobre o pós-moderno e as metanarrativas. Na carta escrita para Samuel Cassin, em 6 de fevereiro de 1984, Lyotard situa que “as metanarrativas de que se trata em *A Condição Pós-Moderna* são aquelas que marcaram a modernidade: emancipação progressiva da razão e da liberdade, emancipação progressiva ou catastrófica do trabalho (fonte do valor alienado no capitalismo), enriquecimento da humanidade inteira através dos progressos da tecnociência capitalista, e até, se considerando o próprio cristianismo na modernidade (opondo-se, neste caso, ao classicismo antigo), salvação das criaturas do amor mártir” (Lyotard, 1993, p. 31). Explica que essas metanarrativas não são mitos no sentido de fábulas, pois não procuram a legitimidade num ato original fundador, mas num futuro que deverá efetuar-se, numa Ideia a realizar. Assim, essa Ideia tem um valor legitimante porque é universal, orientando todas as realidades humanas.

Para Lyotard (1993, p. 32), “o projecto moderno (da realização da universalidade) não foi abandonado e esquecido, mas destruído, liquidado”. Identifica diversas formas de destruição, como o nome paradigmático para o “inacabamento” trágico da modernidade. Pontua que a tecnociência capitalista saiu vitoriosa sobre outros candidatos à finalidade universal da história humana e que se constituiu em outra maneira de destruir o projeto moderno. Lyotard resgata o que preconizou na sua obra de 1979, afirmando que não se cumpre “o projeto de realização da universalidade, mas, pelo contrário, acelera o processo de deslegitimação” (Lyotard, 1993, p. 32). A deslegitimação faz parte da modernidade. Na obra de 1979 Lyotard afirma que na sociedade pós-industrial e na cultura pós-moderna o grande relato perdeu sua credibilidade, seja o relato especulativo, seja o da emancipação. Abrem-se as portas para a negação da totalidade e da verdade. Dá-se a mão ao capitalismo, afastando-se das reais possibilidades libertadoras da classe trabalhadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou iluminar os possíveis caminhos que a relativização do saber científico tanto há de obscurecer, porém, evidencia que esta tarefa histórica de resgate das armas do proletariado - crítica social calcada no materialismo histórico-dialético - está longe de se esgotar. Na realidade, evidencia ainda mais a necessidade de produzir conhecimentos sobre os pensadores da pós-modernidade e seus pressupostos, objetivando fundamentalmente nesse processo a contra-crítica ao expor suas problemáticas analíticas frente a realidade social, servindo de subsídios tanto para que observe a essência da pós-modernidade diante de



seus pressupostos, como também para situar criticamente o debate sem que se reduza esse pensamento a meros jargões aparentes de seus pressupostos.

Dessa forma, a crítica de Lyotard aos metarrelatos não pode ser apreendida de modo unívoco, tampouco reduzida a um gesto puramente libertário ou conservador. Seu alcance teórico e político depende das mediações históricas nas quais é mobilizada. Quando descolada das determinações estruturais da sociabilidade capitalista, tal crítica corre o risco de converter-se em legitimação da fragmentação social e da renúncia à totalidade, obscurecendo as condições materiais que produzem as desigualdades que pretende denunciar. Nesse sentido, a tarefa que se impõe às perspectivas críticas, em especial àquelas ancoradas na tradição marxiana, isto é, reconhecer os limites dos universalismo abstratos sem abdicar da apreensão da realidade como totalidade histórica contraditória, condição indispensável à construção de projetos coletivos de transformação social.

Por fim, mesmo Lyotard sendo uma das principais referências históricas do pensamento pós-moderno, há ainda uma imensidão de pensadores da mesma “escola”, que tal como o mesmo, também precisam ter seus pensamentos indagados e situados criticamente. Afinal, a que e a quem interessam as críticas realizadas no campo da pós-modernidade?

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Perry. As origens da Pós-Modernidade. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro : Zahar Ed., 1999.
- BOLAÑO, César. Indústria cultural, informação e capitalismo. São Paulo: Hucitec, 2000.
- BOLAÑO, César. Trabalho Intelectual, Comunicação e Capitalismo. A Reconfiguração do Fator Subjetivo na Atual Reestruturação Produtiva. Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política. n. 11, pp. 53-78, 2002. Disponível em: <https://eptic.com.br/wp-content/uploads/2020/06/Trabalho-intelectual-comunica%C3%A7%C3%A3o-e-capitalismo-Bola%C3%B1o.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2026.
- CALLINICOS, Alex. Contra o pós-modernismo: uma crítica. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1995.
- EVANGELISTA, João Emanuel. Teoria Social Pós-Moderna: introdução crítica. Porto Alegre : Sulina, 2007.
- _____. Teoria social e pós-modernismo: a resposta do marxismo aos enigmas teóricos contemporâneos. In: Cronos, Natal, RN, v. 7, n.2, p. 271-281, jul/dez. 2006.
- HARVEY, David. Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- LOPES, Ruy Sardinha. Informação, Conhecimento e Valor. São Paulo: Radical Livros, 2008.
- LYOTARD, Jean-François. A condição pós-moderna. Tradução Ricardo Corrêa Barbosa. 12ª ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2009.
- _____. O Pós-Moderno explicado às crianças: correspondências 1982-1985. 2ª ed. Tradução de Tereza Coelho. Lisboa : Publicações Dom Quixote, 1993.



NETTO, José Paulo. Posfácio de O estruturalismo e a miséria da razão. In: COUTINHO, Carlos Nelson. O Estruturalismo e a Miséria da Razão. 2ª ed., São Paulo : Expressão Popular, 2010.

SANTIAGO, Silvano. Posfácio - A explosiva exteriorização do saber. In: LYOTARD, Jean-François. A condição pós-moderna. Tradução Ricardo Corrêa Barbosa. 12ª ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2009.

YAZBEK, Mustafa. A Revolução Argelina. São Paulo: Editora UNESP, 2008.